

Uma das mais prestigiadas, premiadas e populares autoras de literatura infantil e juvenil, em diálogo com a redactora do «Diário de Notícias» que é também, na série de auto-entrevistas que o JL está a publicar. E diz

Alice Vieira: "A jornalista não matou a escritora"

Jornalista — Bom, parece que é hoje que vamos finalmente poder ter a nossa conversa...

Escritora — Se demoras houve, a culpa não foi minha. Pobre de mim, que praticamente só existo ao fim-de-semana, e muitas vezes nem isso!

Jorn. — Ninguém está a querer culpar ninguém, até porque...

Esc. — Já sei, já sei: temes de coexistir o melhor possível, não é verdade?

Jorn. — Pelo menos até aquele dia em que uma de nós diga «basta, já não aguento mais!»

Esc. — E tu achas que esse dia vai alguma vez surgir?

Jorn. — Bem capaz disso... Posso mesmo dizer-te que, no ano passado, estava mesmo decidida a deixar isto de vez.

Esc. — Isto?

Jorn. — O jornalismo. As corridas para aqui e para ali, a entrevista para encher papel, as perguntas (iguais) que se fazem e as respostas (iguais) que se ouvem, este desinteresse que começa a invadir um pouco a nossa vida toda... Acho que dantes se fazia jornalismo por paixão. E agora a paixão esfriou muito... Dantes o nosso maior sonho era ser repórter. Hoje até o sindicato riscou essa categoria lá da lista... Somos jornalistas do 1.º, do 2.º, do 3.º, do 4.º ou do 5.º grupo... Isso diz bem deste tempo em que vivemos.

Esc. — Mau... Está-me a parecer conversa reacção demais para os meus ouvidos. Não tarda e vais começar a dizer que no teu tempo é que era bom, que dantes é que sim...

Jorn. — Não é isso. Então nesta profissão eu nunca diria uma coisa dessas, e tu sabes bem. Basta eu hoje escrever sem pensar na censura, para repetir, sempre, que dantes não era melhor. Mas é evidente que isso não me faz dizer que hoje é tudo bom. Penso que vivemos num tempo difícil, em que se assiste a uma estranha inversão de valores.

Esc. — Por exemplo?

Jorn. — Por exemplo: para a nova geração, o importante não é ser culto, não é o saber, não é o conhecimento. O importante é ganhar muito dinheiro muito cedo e chegar, o mais cedo possível, ao poder, aos centros de decisão. Isso assusta-me muito.

Esc. — Aí estamos de acordo.

Jorn. — Bom, mas quem está aqui para fazer perguntas sou eu, e já basta de divagações... Vamos lá ao concreto. Quando já eras jornalista há uns bons aninhos, resolveste escrever livros. Como é que isto



começou?

Esc. — Até pareces os meninos das escolas a que eu vou por esse país fora: «quando é que começou a sua carreira?»... Acho que sempre pensei em escrever. A escrita, os livros, os cadernos, o lápis, os papéis — acho que foram sempre os meus melhores brinquedos. Um dia, quando tinha cinco anos, escrevi uma história cheia de erros, que ainda guardo. Moralista à brava, pois então: os maus (neste caso, a menina má e muito feia) exemplarmente castigada com uma saraiavada de reguadas na escola; os bons (a menina boa e muito bonita) elogiada por todos e coberta de glória. As fúrias da escrita (felizmente já bem menos moralistas) voltaram na adolescência. E aí o começo de tudo: a descoberta do «Juvenil» do «Diário de Lisboa».

Descoberta de duas realidades

Jorn. — Descoberta que muito boa gente fez na mesma altura. Lembro-me, por exemplo, de Eduardo Prado Coelho, da Fiama Pais Brandão, da Luísa Ducla Soares, da Luísa Neto Jorge, do Jorge Silva Melo e de tantos outros que por lá começaram...

Esc. — Tens boa memória... E essa descoberta do «Juvenil» deu-ma a conhecer duas realidades diferentes: a escrita e essa realidade fascinante que era um jornal. Por isso, mesmo que só muitos anos mais tarde eu tenha começado a escrever livros, penso que tudo começou aí.

Jorn. — E foi também por isso que entraste para o jornalismo?

Esc. — Ah, sim, não tenho

dúvidas nenhuma. E acho que tudo o que eu sei de jornalismo foi lá que o aprendi, era ainda miúda! Na velha tipografia do «Diário de Lisboa», com o Américo, o Ilídio (que depois ainda vim a encontrar no «Diário de Notícias»), o Amadeu Ramires (que foi, mais tarde, o padrinho da minha filha) e tantos outros. Nesse tempo em que a gente falava com pessoas de carne e osso, e não com computadores...

Jorn. — E depois quem diz coisas reacçãoárias sou eu...

Esc. — Que é que tu queres, tenho o pavor das máquinas! Não é bem das máquinas, claro. É desta invasão a que se assiste. Hoje a máquina é a medida de todas as coisas. Já ninguém tem tempo para viver, para olhar as coisas simples que estão sempre a acontecer ao nosso lado. Li há dias uma coisa muito bonita do Listopad. Dizia assim: «hoje passei por Monsanto e vi as árvores em flor. Tão bonito, tão banal, tão bonito». Só isto. Quem é que hoje nota que as árvores de Monsanto estão em flor? A pressa, o ganhar tempo (para quê?), a correria, são as constantes do nosso quotidiano.

Jorn. — Bom, mas, como diriam as criancinhas, «e depois?»

Esc. — Já percebi, queres abreviar. A eterna falta de espaço dos jornais... E depois foi esta vida «normal» de jornalista, a passagem pelo «Diário Popular», e a vinda para o «Diário de Notícias» há treze anos. De repente, em 1979, os filhos queixam-se de que não têm nada para ler e pronto, aí começa esta outra aventura de escrever livros. Onze livros em nove anos. Penso que não é uma média muito má, tendo em conta que, para além disso, há a solicitação permanente de muitas



Alice Vieira: os horários e o ritmo de vida acabam por fornecer a actividade da escritora

escolas do país inteiro. Só no ano lectivo passado fui a 75 escolas!

Jorn. — E tempo para isso?

Esc. — Inventar-se. Para isso temos a nossa imaginação.

Jorn. — Palavras bonitas, não há dúvida. Mas para lá da imaginação não há também um horário a cumprir lá no jornal?

Esc. — Descansa que a empresa não fica a perder. Não fica nunca a perder! Utilizo dias de folga, folgas em atraso, férias, saio mais tarde da redacção se por acaso também entrei mais tarde de manhã. Há sempre maneira. O pior é que depois nos sentimos pequenas peças dentro de uma engrenagem infernal, e já não temos vida própria, e mal vemos os filhos. E de repente a gente acorda e descobre que tem uma filha de 18 anos, com um romance publicado e a preparar-se já para uma vida semelhante à nossa. E então a gente pára e pergunta: Mas como foi possível? Quando é que tudo isto aconteceu? E isto aconteceu enquanto a gente corria de manhã para o jornal, e dali para o serviço marcado em agenda, e de lá para o jornal, e do jornal para as escolas, e das escolas para a máquina de escrever... E durante todo esse tempo, no quarto ao lado, os filhos crescem, crescem, e a gente mal dá por isso.

Jorn. — Por isso desejaras agora «abrandar»?

Esc. — Já estou a abrandar. Estou a ter muito mais juízo... No ano passado mal consegui tempo para escrever um livro.

Jorn. — Este ano de 1987 publicaste apenas «Paulina ao Piano».

Esc. — Que é uma reedição. Mas quase passa por inédito, porque a primeira edição (noutra casa editora que não a Caminho) passou perfeitamente despercebida, sem qualquer tipo de publicidade, quase sem aparecer nas livrarias... Coisas destas nossas editoras, adiante...

Escritora aos fins-de-semana

Jorn. — E para 1988?

Esc. — Como te disse estou a portar-me muito bem: guardo os fins-de-semana (que são os meus dias de folga) para a minha escrita, abalo de Lisboa mal acabo o trabalho de quinta-feira no jornal e vou lá para a minha toca em Cascais, matraquear na máquina de escrever... E só volto a Lisboa no domingo de manhã, que para mim é dia de trabalho, é o meu começo de semana.

Jorn. — Então e a família, não vai atrás?

Esc. — A minha família é única. Acho que quem fez estes nunca mais fez outros iguais nem parecidos! Ficam em Lisboa, tratam da casa, fazem tudo para que eu possa usar aqueles dois dias para o meu trabalho. As vezes a minha filha vai ter comigo e pronto, lá ficamos as duas malucas, cada uma a escrever para seu lado, a ouvir música, a olhar para o mar. A reparar que as árvores estão em flor...

Jorn. — Falando de dinhei-

ros: já podias viver com o que ganhas com os livros?

Esc. — Podia. Abdicando, decerto, de algumas coisas, mas penso que já era possível aguentar-me.

Jorn. — O pior é esse vício do jornalismo...

Esc. — Ah, pois, isso é que é o pior, ainda bem que és tu quem o reconhece...

Jorn. — É um vício difícil de perder, quando se entrou para a profissão porque se gosta muito disto — e não porque não se encontrou trabalho em mais sítio nenhum, que é o que hoje acontece muito...

Esc. — E também porque há quem pense que entrar para um jornal pode ser um trampolim para mais altos voos...

Jorn. — Desculpa lá, mas antes de acabarmos tenho de te fazer a pergunta sacramental destas entrevistas...

Esc. — Já sei, não digas mais: «o jornalista mata o escritor?»

Jorn. — Claro... Que diriam de mim se não te perguntasse isso?

Esc. — Bom, matar não mata...

Jorn. — «... mas desmoraliza muitos», como diria o Solnado?

Esc. — Para te ser franca, eu penso que o jornalismo a mim me ajudou muito no que diz respeito à linguagem: não gosto de usar o que é desnecessário. A máxima emoção num mínimo de palavras. Não gosto de floreios, de adjectivos inúteis. Um jornalista brasileiro costumava dizer que «um jornal que se preza não circula com palavras fora de circulação». Eu si-lvo o mesmo critério com os livros. E depois, para além disso, o jornalismo dá-me muito material para escrever histórias. Tenho uma quantidade enorme de cadernos onde aponto tudo, às vezes uma palavra que ouvi de manhã no café, um esboço de história que imaginei no caminho que todos os dias faço a pé de casa para o «Diário de Notícias», um rosto que fixei no meio de tanta gente que se cruzou comigo. Depois, mais tarde, esses cadernos são uma ajuda preciosa para o meu trabalho.

O jornalismo como norma de vida

Jorn. — Resumindo: a jornalista em ti não matou a escritora, antes pelo contrário. É isso?

Esc. — Em termos de escrita, é. Agora, pode matar em termos de disponibilidade de tempo. É evidente que eu consagro muito mais horas da minha vida ao jornalismo. Nesse aspecto sim, pode matar. Ou pelo menos enfraquecer... Mas

L I V R O S

Um novo livro de poemas de Pedro Tamen, ou «a disjunção absoluta de que é difícil falar». Por isso

“Delfos, opus 12”, por aproximações

Maria da Glória Padrão

Delfos. E são sete as oferendas (que as cerimónias apolíneas se celebram no sétimo dia do mês):

1. Era uma vez Zeus no tempo em que a terra era plana. Não se sabia onde o centro do mundo e o deus soltou duas águias, uma de cada extremidade da terra para que se encontrassem: onde se encontrassem, aí era o centro. Pousaram sobre um rochedo de Delfos que então se determinou como o lugar de orientação de muitos acontecimentos.

2. «O representante máximo do legalismo é Apolo. (...) Era este deus que prescrevia aos homicidas as purificações a efectuar, que aprovava as constituições de novas cidades, que aconselhava reis ou chefes do estado em caso de guerra, que reconhecia as novas divindades e cultos.» (Maria Helena da Rocha Pereira)

3. «... novo só o eterno» (Agustina)

4. «Senta-te ao sol. Abdica e sê rei de ti próprio» (Ricardo Reis).

5. «O fantástico não está fora do real, mas no sítio do real que de tão visível não se vê.» (Vergílio Ferreira)

6. «Os deuses reúnem-se: a poesia, escrupuloso testamentário, vai além de suas últimas vontades.» (António Osório)

7. «A sibila, portadora de uma adivinhação extática, não é mais do que o sinal demasiado actual de que o ser humano é ele próprio e ele só a sua possibilidade divinatória e conjuntural, entendida e indeterminada, estável e perversa concreta e arbitrária, solitária e solidária.»

Assim também se entra em Delfos, lugar e texto. Assim podem começar os matizes do andamento da gradual iniciação que em majestade calculada de seus lances inclinará ao epítáfio expansivo: «E jaz entre as Fedráides (...)//Aqui, ou nada.»

Se é com a solenidade de deuses e suas narrações que percorremos este texto, é também com outra chancela não menos solenemente levitada: a dos mestres gregos. É com eles, hieráticos, que lemos epigramas ou esses trabalhos de insculptura sobre materiais resistentes (sobre papel, por exemplo...): legendas lapidárias a lembrar feitos fabulosos, vidas, ofertas votivas que, numa lógica contra a economia da aprendizagem mas a favor da facilitação da memória, ainda mantêm restos mnemónicos em certos rastros de aliterações — «e acima, seco, o róseo umbigo/exsuda surdo o torvelinho e a treva».

Vamos, em verso branco que rima é obstrução à liberdade de saber e de sentir e os limites são de outras fronteiras. E um texto o funda ou os lembra ou os re-cita pelos efeitos enfaticamente contrastivos e justapostos de suas marcas. No sublime e contido equilíbrio vertical entre razão e sentimento até à orgulhosa sophia da insciência — «...ouça/quem já não tem ouvidos» — é a intangibilidade da não-disjunção que se celebra. E que se teatraliza à nossa vista consentida na aglutinação de tempos e de números («numa só voz agora,/outra discordantes»), de cromatismo e de matéria e movimento («Ali/resflogavam de fumos os cavalos/sob o vértigo visível na mão de verde auriga./Do verde, sim, do mesmo,/do bronze anunciador/das oliveiras»), de sexuado e de assexuado para



Pedro Tamen: Delfos, lugar e texto

que se cumpria o que se sente e que é o preceito da arte como imitação fantástica, que não icástica, da natureza, na somatização geográfica sensualizada.

E a ênfase que sempre predisporá à ataraxia, continua a declinar-se na junção do árido e do fecundo («Quando soboures agora que é atrás da linha»), do dimensionável e do imponderável, do puro e do mais limpo («Penetra de alma pura no templo do deus puro»). Ou nessa fusão significada agora na reportagem dos insólitos tempos da legenda numa linguagem implicada que religa até à «perdição achada». Percorrer a via sagrada de Delfos é

habitar, de cada vez um, os tempos fortes da história do deus celebrado e de seu recinto: teogonias, teofanias, teologias e o lugar da que desata a poesia, e a que se eterniza nas «coroas triunfantes» ou é necessidade de ritual para que uma sílaba desate os ventos.

Mas a memória é tanta que nega a delimitação e indeterminação do sujeito em alienação diacrónica e sincrónica e ucrónica. Transcendido assim, não trata mais o deus por ele — e o momento da cada vez mais irreal realidade aberta o código da intersubjectividade com Apolo a quem agora trata por tu e em que se funda orago, iluminado e irradiante, imponderabiliza-

do na dádiva do seu ofício e de si: «... al te não dou; nestamãnhã inteira/tu sobes comigo, Sol, acompanhados».

À vertigem de tanta alucinação... sucede o epítáfio, em pedra, naturalmente, porque é no tempo que «Jaz desfeito em pedra/em pedra feito» e em que se insculpe nos muros que já foram o «conhece-te a ti mesmo.» A irreversibilidade reversível da mineralização do silêncio e da sua expansão, cria a inominável quarta dimensão, ou o arquétipo, modelo eterno de um calar secretíssimo e grávido... ou o silêncio, o mesmo, do poema com que se inicia a visita a Delfos que «envolve, ensoipa, inflama,/qual neutro comburente: assim também se desenha o «seio, centro, nó: lugar/da ligação e em que o contrário/une.»

A majestade sagrada dos deuses, a chancela da autoridade dos mestres antigos, a mística do oculto, a calculada composição para a transracionalidade e infinitude da vocação heróica, a determinada indeterminação até à insciência, a levitação até à não-disjunção do poeta oblíquo, autorizam sempre e ainda Heraclito: «O Mestre cujo oráculo está em Delfos não diz nada e nada esconde, mas significa.»

«Delfos, opus 12» de Pedro Tamen: a disjunção absoluta e humanamente inclusiva e de que é difícil falar. Por isso se vai dizendo assim, só por aproximações.

Maria da Glória Padrão é professora e ensaísta. Na última legislatura da Assembleia da República presidiu à comissão dos Assuntos Femininos.

Pedro Tamen
Delfos, Opus 12
Gota de Água, Porto 1987.
40 pgs. 800\$00

também te digo que, se ainda não sai do jornalismo, foi um pouco por medo. Se um dia eu deixo de me levantar às sete da manhã para entrar na redacção bem cedinho, se um dia eu dou comigo com as 24 horas que um dia tem ali à minha inteira disposição, tenho muito receio de não saber o que fazer delas... Acho que preciso um bocado de «coleira», de pertencer a qualquer sítio, de me movimentar dentro de um horário bem estabelecido. Sem pressas, mas rigoroso. Tenho medo de me dispersar no meio de tanto tempo livre... Também por isso ainda não me decidi a sair do jornalismo.

Jorn. — Mesmo para acabar: escritores e leitores. As crianças lêem pouco?

Esc. — Lêem muito mais que os adultos! E se não lêem mais, é porque os adultos lhes dão os livros muito tarde. Um livro dá-se a uma criança na mesma altura em que se lhe dá uma bola, uma roca, um guizo. O livro é, antes de mais, um objecto a que ela se vai habituar. Como se habitua ao brinquedo. Criada essa habituação, o caminho está preparado para que ela se torne num consumidor de livros. Mas nós, por cá, achamos que os meninos só têm direito a livros a partir do momento em que já sabem ler... É tarde. Às vezes, tarde de mais. Porque entretanto a criança já se habituou aos bonecos da televisão e, mais tarde, já se habituou aos vídeos e a tudo isso... Depois, claro, são os professores que têm de tentar remediar o mal... E tenho encontrado professores espantosos, capazes de motivar os alunos, capazes de os pôr a trabalhar por gosto num projecto colectivo, capazes de os pôr a discutir sobre um livro. É um esforço muito grande (e nem sempre reconhecido por quem de direito...) que se está a fazer em muitas escolas deste país. Mas é evidente que o ambiente familiar conta muito, e que a acção dos pais é extremamente importante. E voltamos ao que eu dizia há pouco: enquanto realmente a cultura não for considerada uma necessidade, nada feito. Enquanto o Orçamento Geral do Estado der à Cultura a miséria de esmola que dá, nada feito. Enquanto a teocracia dominar tudo e todos, nada feito.

Jorn. — E o preço dos livros? Também não será esse um dos problemas?

Esc. — Um livro não é barato. Mas é muito mais barato que a maior parte dos brinquedos. É mais barato que um bilhete de futebol. Há livros para crianças que custam o mesmo que dois maços de tabaco. E há quem fume três e quatro maços por dia... As pessoas, todas as pessoas, se queixam muito do preço dos livros. Mas já ouviste alguém queixar-se do preço dos computadores, ou dos vídeos, por exemplo? E garanto-te que todos os apaixonados que dão o Spectrum à criança ainda ela mal gatinha, todos eles se queixam do preço dos livros...

Jorn. — Só mais uma pergunta: no meio disto tudo, que faz a televisão?

Esc. — A televisão? A televisão não deu em directo o FC Porto-Ajax! Então isso é coisa que se faça?! ■

REGISTO

O primeiro livro de Simões Muller

Cinquenta e cinco anos depois do seu aparecimento, surgiu agora em segunda edição o primeiro livro de Adolfo Simões Müller — o livrinho de poesia «Meu Portugal, Meu Gigante...». Ilustrada por Fernanda Bento, esta reedição, revista pelo autor, proporciona a releitura de um trabalho modular no seu género: a condensação em verso, para as crianças, da História de Portugal. Aquando do seu lançamento inicial (integrado na Biblioteca dos Pequenos dirigida por Emília de Sousa Costa para a Empresa Nacional de Publicidade) acerca dele escreveram referências elogiosas, entre ou-



Adolfo Simões Müller
Meu Portugal, Meu Gigante...
Vega Lisboa, 1987
88 pgs. Preço 500\$00

tros, Afonso Lopes Vieira, Branca de Gonta Colaço e Norberto de Araújo. ■

Ler sobre linguística

Imaginem-se — mais do que se calculam — as longas e intermináveis horas em que se recolheram todos estes dados dos trabalhos mais recentes de Linguística Portuguesa. A responsabilidade deste indispensável elemento de trabalho/consulta, foi, o Núcleo de Estudos da Linguística Contrastiva da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa que recorreu a vários trabalhos e colaborações, estabeleceu critérios de catalogação, assinalando que «apesar de incompleta (...) crê-se que com esta **Bibliografia de Linguística Portuguesa** se deu um passo importante no âmbito da história dos estudos linguísticos em Portugal e no estrangeiro». Claro que outros passos terão que ser dados mas este foi,

linguisticamente falando, muito grande: ao todo 21 «capítulos» agrupados desde as publicações periódicas até às miscelâneas. ■

Bibliografia de Linguística Portuguesa
Litoral Edições, 1987
147 pgs., 880\$00

Contradições da tradição pictórica

O ponto de vista pode ser redutor mas é assim que os cinco autores de **Modos de Ver** o definem: «A arte do passado já não existe tal como existiu outrora. A sua autoridade perdeu-se. Surgiu, em seu lugar, uma linguagem de imagens. O que importa agora — acrescentam John Berger, Sven Blomberg, Chris Fox, Michael Dibb

e Richard Holls — é saber quem usa essa linguagem e com que fim. Baseado em algumas ideias de «Ways of Seeing», uma série televisiva da BBC, e constituído por sete ensaios, três dos quais são de imagens, umas das suas ambições «foi a de mostrar que o que está em jogo é algo bastante mais vasto. Um povo ou uma classe — segundo os autores — que é segregado do seu próprio passado é menos livre de escolher e agir como povo ou como classe que outros que hajam conseguido situar-se a si próprios na história. É esta a razão — e a única razão — pelo qual toda a arte do passado se tornou agora uma questão política». 159 reproduções ilustram **Modos de Ver**. ■

John Berger
Modos de Ver
Edições 70, Lisboa 1987
167 pgs. 720\$00